

As “cercas” da Formação por Alternância nas LEdoCs de Goiás: vozes e vieses dos professores formadores

 Wender Faleiro¹,  Rafaela Aparecida Silva Ferreira Diniz²

^{1,2} Universidade Federal de Catalão - UFCAT. Avenida Dr. Lamartine Pinto de Avelar, 1120, Campus I. Vila Chaud. Catalão - GO. Brasil.

Autor para correspondência/Author for correspondence: wender.faleiro@gmail.com

RESUMO. O presente artigo objetiva conhecer as concepções e olhares vivenciados pelos professores formadores, em Educação do Campo habilitação em Ciências da Natureza do estado de Goiás, sobre Alternância. Para alcançar esse objetivo, temos como recorte temporal 2014-2019 (cinco anos de implantação), e todos os professores formadores da UFG e da UFCAT que atuavam no curso no segundo semestre de 2019 foram convidados a responder um questionário *online* disponibilizado na Plataforma *Google forms*. Os dados foram tratados a partir da Análise de Conteúdo. Sem a intenção comparativa ou julgadora, o estudo mostra fragilidades de ambos os grupos quanto ao planejamento e desenvolvimento da Alternância. A falta de recursos financeiros e de infraestrutura foram presentes em ambas IES, contudo fica nítido no estudo as fragilidades formativas, identitárias e de pertencimento, de muitos, frente ao curso que estão, ou seja, “cercas” que precisam ser transpostas para o fortalecimento dessa Licenciatura.

Palavras-chave: formação de professores, ciências da natureza, decolonial.

The “fences” of academic formation by alternance in the LEdoCs of Goiás - Brazil: voices and biases of teacher educators

ABSTRACT. The present research aims to know the conceptions and views experienced by the teachers, in Rural Education, qualification in Natural Sciences of the state of Goiás, on Alternation. In order to achieve this goal, we have a time frame of 2014-2019 (five years of implementation), and all professors from UFG and UFCAT who worked on the course in the second half of 2019 were invited to answer an online questionnaire made available on the Google Forms Platform . The data were treated based on Content Analysis. Without a comparative or judgmental intention, the study shows weaknesses in both groups regarding the planning and development of Alternation. The lack of financial and infrastructure resources were present in both Universities, however the training, identity and belonging weaknesses of many in the face of the course they are in are clear in the study, that is, “fences” that need to be overcome to strengthen this Graduation.

Keywords: teacher training, natural sciences, decolonial.

Las “cercas” de formación por alternancia en las LEdoCs de Goiás - Brasil: voces y parcialidad de los formadores de docentes

RESUMEN. La presente investigación tiene como objetivo conocer las concepciones y visiones vividas por los docentes en Educación Rural, titulación en Ciencias Naturales del estado de Goiás, Brasil, sobre Alternancia. Para lograr este objetivo, tenemos un marco de tiempo de 2014-2019 (cinco años de implementación), y todos los profesores de UFG y UFCAT que trabajaron en el curso en el segundo semestre de 2019 fueron invitados a responder un cuestionario en línea disponible en el Plataforma de formularios de Google. Los datos fueron tratados en base al análisis de contenido. Sin una intención comparativa o de juicio, el estudio muestra debilidades en ambos grupos en cuanto a la planificación y desarrollo de la Alternancia. La falta de recursos económicos e infraestructura estuvo presente en ambas Universidades, sin embargo son claras las debilidades formativas, identidad y de pertenencia de muchas, de cara al rumbo en el que se encuentran, es decir, “vallas” que hay que traspasar al curso en el estudio Fortalecimiento de este Grado.

Palabras clave: formación de profesores, ciencias de la naturaleza, decolonial.

Introdução

A Pedagogia da Alternância tem início no Brasil no estado do Espírito Santo, no final da década de 1960, com a experiência das Escolas Família Agrícola (Cordeiro, Reis & Hage, 2011). Ao longo do tempo, a Alternância, vem se constituindo como processo contínuo e coletivo de ensino-aprendizagem na busca de integração de saberes, tempos e espaços. Cordeiro, Reis e Hage (2011, p. 120) reforçam esse conceito:

A formação inclui e transcende o espaço escolar, e, portanto, a experiência torna-se um lugar com estatuto de aprendizagem e produção de saberes em que o sujeito assume seu papel de ator protagonista, apropriando-se individual e coletivamente do seu processo de formação.

Dessa forma a Formação por Alternância, se coloca como uma proposta pedagógica que visa romper a estrutura homogeneizante e suprema presentes nos espaços formais de ensino, se tornando largamente utilizada pela Educação Popular, em especial, pela Educação do Campo. Como foco desse estudo, trataremos da Alternância, presente nos cursos de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) no estado de Goiás. Consideramos necessário ainda, trazer um breve relato no qual possibilitará que o leitor emerja no cenário da luta pela Educação do Campo e de onde surge a necessidade de se pensar uma Educação que de fato pudesse minimamente atender as especificidades dos povos rurais.

É importante dizer que a classe trabalhadora representa, infelizmente, a desigualdade social, portanto é nesse movimento de busca por garantias de direitos, que se faz necessário, pensar o que se têm hoje, de que forma e por quem, isso foi conquistado e a partir de então, vislumbrar continuidade e até mesmo ampliação de possibilidades que possam contribuir para minimizar essa desigualdade que tanto nos incomoda. Assim sendo, destacamos a relevância dos movimentos sociais e sua participação no processo de criação de cursos superiores que pensassem a Educação do Campo, como forma de empoderamento desses sujeitos que têm suas características sociais, culturais e políticas específicas e, que conseqüentemente precisavam ser pensadas para além dos paradigmas hegemônicos da Educação, e que pudesse assim contemplar a necessidade de um povo historicamente excluído.

O contexto educacional recente do mundo rural vem sendo transformado por movimentos instituintes que começaram a se articular no final dos anos 1980, quando a sociedade civil brasileira vivenciava o processo de saída do regime militar, participando da organização de espaços públicos e de lutas democráticas em prol de vários direitos, dentre eles, a Educação do Campo (Oliveira & Campos, p. 239, 2012).

As autoras, ainda, ressaltam que diante da demora em consolidação de diretrizes que tratassem determinadas pautas específicas em relação à Educação do Campo, somente em 2004, partindo de pressão dos movimentos sociais, que o governo Lula, criou a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade no âmbito do Ministério da Educação (MEC).

Segundo o MEC, a secretaria teria como meta pôr em prática uma política que respeitasse a diversidade cultural e as experiências de Educação e de desenvolvimento das regiões, a fim de ampliar a oferta de Educação Básica e de EJA nas escolas rurais e assentamentos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) (Oliveira & Campos, p.241, 2012).

Logo, destacamos a importância da Alternância na formação de professores, haja vista a mesma não apenas flexibilizar e interagir os tempos e espaços, mas possibilitar espaços decolônias de formação, tais como: a) interação e valorização de saberes populares e científicos; b) possibilidade de vivências e aprendizados teóricos e práticos; c) interação comunidades com a Universidade; d) diminuição da dicotomia rural *versus* urbano; e) priorizar a construção do conhecimento significativo de forma integral e não disciplinar.

Assim, a presente pesquisa objetiva conhecer as concepções e olhares vivenciados pelos professores formadores, em Educação do Campo habilitação em Ciências da Natureza do estado de Goiás, sobre a Formação por Alternância.

Metodologia

A Licenciatura em Educação do Campo iniciou-se no ano de 2008, em quatro Universidades Federais (Universidade de Brasília; Universidade Federal da Bahia; Universidade Federal de Minas Gerais; Universidade Federal de Sergipe). Em 2012, com a Chamada Pública para selecionar Instituições para que desenvolvessem o curso de Licenciatura em Educação do Campo, no estado do Goiás, criam-se dois cursos, na época ambos pela Universidade Federal de Goiás (UFG), um na Regional Cidade de Goiás e outro Regional Catalão (atual Universidade Federal de Catalão – UFCAT), atualmente, os únicos no estado. O Curso iniciou no primeiro semestre no ano de 2014 em ambos os *Campi*, e oferecem a habilitação em Ciências da Natureza.

Para alcançar o objetivo desse estudo, temos como recorte temporal 2014-2019 (cinco anos de implantação), e todos os professores formadores da UFG e da UFCAT que atuavam no curso no segundo semestre de 2019 foram convidados a participar da pesquisa. Na UFG,

13 professores foram convidados, desses, sete (53,84%) aceitaram, na UFCAT foram convidados 26, desses, 13 (50%) aceitaram de forma livre e esclarecida e responderam ao questionário *online* disponibilizado na Plataforma *Google forms*, enviado via *e-mail* individual, no período de 15 setembro a 15 de novembro de 2019. Os professores não foram identificados e nem nomeados com pseudônimos na análise de dados para dificultar possíveis correlações das respostas com a identificação da pessoa. Todas as informações obtidas são sigilosas e estão guardadas, em local seguro, sob a responsabilidade dos pesquisadores com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade por cinco anos.

Os dados foram tratados a partir da Análise de Conteúdo, pela qual tivemos como categorias de análise, foco desse estudo: a) *Formação por Alternância: conceito/compreensão pelas vozes de docentes*; b) *Formação por Alternância: funcionamento*; c) *Campo Pedagógico abordado pelo curso de Licenciatura em Educação do Campo*; d) *Constituição do Projeto Político e Pedagógico*.

Resultados e discussão

Iniciamos apresentando o perfil dos interlocutores, dos sete respondentes da UFG – Regional Goiás, 43% (N=3) são Pedagogos seguidos de um de cada área de formação inicial: Educação Especial; Serviço Social; Matemática, e Ciências Biológicas. Cinco (71,43%) são Doutores, dois (28,57%) mestres (um deles em doutoramento). Ressaltamos que dentre os respondentes tem-se uma docente substituta que atua no curso há oito meses, e quatro (57,15%) docentes que atuam no curso há mais de cinco anos.

Em relação aos respondentes da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), dos 13 participantes, cinco são Pedagogos (38,46%), dois (15,38%) são Psicólogos, dois Químicos, seguidos de um de cada área de formação inicial: Ciências Biológicas, Filosofia, História e Matemática. Nove (69,22%) são Doutores, quatro (30,78%) mestres, sendo desses quatro, dois são efetivos e estão em processo de doutoramento e, os outros dois são substitutos. Sete (53,85%) dos respondentes dedica-se ao curso há pouco tempo, sendo que cinco apenas no ano de 2019, e que deixaram claro estarem no curso por pouco tempo apenas para ministrar disciplina pontual. Os outros seis (46,15%) disseram estar no curso desde sua implantação (2014).

Fato que pode demonstrar fragilidades da área de formação (Ciências da Natureza) frente ao curso é evidenciado com a pequena quantidade de respondentes com formação básica na área das Ciências da Natureza (CN), haja vista na UFG termos apenas um

(14,28%) das Ciências Biológicas e na UFCAT temos três (23,1%) sendo um das Ciências Biológicas e dois da área de Química que são docentes substitutos.

Aprofundando um pouco, sobre o perfil dos professores formadores e suas relações com a Educação do Campo, temos que a maioria dos os docentes da UFCAT (N=9; 69,22%), disseram que imergiram nas questões da Educação do Campo para se prepararem para o concurso, e ou ministrar disciplina no curso. Tendo em vista, o curso estar lotado na Faculdade de Educação da UFCAT, que conta também com os cursos de Pedagogia e Mestrado em Educação, quatro (30,78%) disseram ter aproximações anteriores, seja, tendo o Campo como *locus* de pesquisa, seja participando dentro da Faculdade de Educação sobre a implantação do curso na concorrência do Edital.

No entanto, em relação aos docentes da UFG, os respondentes deixaram claro terem visto a Educação do Campo como uma grande oportunidade de ingresso na carreira docente universitária, e nesses cinco anos de implantação (2014-2019) do curso na UFG e UFCAT, pouco se debruçou no investimento em atividades de Pesquisa e Extensão exclusivas da Educação do Campo, continuando a realizar atividades que já vinham realizando anteriormente.

Alternância: conceito/compreensão pelas vozes dos Professores Formadores

Conforme a indicação dos docentes da UFG sobre a compreensão da Formação por Alternância foi constatado que seis (85,72%) tem concepções que fogem o pensar a Alternância como sendo apenas utilizar de tempos e espaços diferentes como apresentado por um (14,28) dos docentes *“A Licenciatura em Educação do Campo é um curso presencial em regime de alternância, sendo organizado no tempo/espaço distribuído em Tempo Universidade (UFG) e Tempo Comunidade, nas comunidades de origem dos discentes (núcleos de alternância)”*. Ademais, tivemos respostas bem robustas:

Inicialmente é preciso ressaltar que não temos no Brasil autores que são considerados referência na pesquisa e estudo sobre a Pedagogia da Alternância, embora alguns autores brasileiros discutam o tema. Uma consequência disso, segundo Estevam (2012) é uma “carência de material didático pedagógico referente à metodologia da Pedagogia da Alternância”, que considere o nosso contexto e suas especificidades e não somente a concepção francesa, berço dessa pedagogia. A pedagogia da alternância ao intercalar tempo comunidade e tempo universidade propicia ao estudante a interação entre a realidade que ele vivência em seu cotidiano no campo e os conhecimentos e saberes construídos na Universidade. Porém, muito mais que isso, a pedagogia da alternância é um modo de conceber a educação como possibilidade de transformação social, que se aproxima muito de uma pedagogia freiriana, já que a partir Diálogo e problematização para a construção dos saberes, os conteúdos a serem trabalhados devem partir

da realidade/necessidade dos estudantes, extraídos de suas vivências e para ela (realidade) retornar. Por fim, entendo que somente um maior conhecimento dos princípios da alternância permitirá a contextualização da prática e o entendimento da materialidade do conceito de Práxis. (Grifos nossos).

Ressaltamos nessa fala a “*carência de material didático pedagógico*” sobre Alternância, ao mesmo tempo acrescentamos a falta de formação dos professores formadores e da estrutura das Instituições de Ensino Superior (IES) para planejar e desenvolver a Alternância, assim as carências formativas e de gestão trazem ao espaço universitário outros pensares formativos e epistêmicos que visem a atender às especificidades formativas da licenciatura em Educação do Campo. Continuando no segundo grifo da fala acima “*interação entre a realidade que ele vivência em seu cotidiano no campo e os conhecimentos e saberes construídos na Universidade*”, Arroyo (2012), corrobora ao dizer que os *Outros Sujeitos* diversos produzem outras pedagogias que as IES precisam conhecer, não para validá-las, mas para conhecê-las enquanto conhecimento. Arroyo (2012, p. 38), asseverasse sobre a importância do diálogo entre Comunidades e a Universidade, pois a “*dinâmica social penetra nesses espaços, recolocando questões para o repensar teórico e pedagógico nos currículos e práticas formativas dos cursos*”.

Nesse direcionamento a Alternância mostra novos caminhos para formação de professores ao mesmo tempo em que cria a necessidade de uma nova Organização didático-pedagógica dos professores formadores e da gestão das LEdoCs, conforme especificado por Farias e Hage (2021, p. 487),

a prática da alternância pedagógica vem provocando mudanças na Organização do Trabalho Docente, que instiga, exige e provoca os docentes para o desenvolvimento de um trabalho coletivo, integrado, articulando os sujeitos coletivos que protagonizam a experiência dos cursos, como os docentes, gestores, educandos e os movimentos sociais do campo, a partir de suas práticas educativas.

Esse construir e reconstruir de caminhos didático-pedagógicos, tensionados pela Alternância, cria espaços de formação decoloniais importantes na formação dos professores em formação (licenciandos) ao mesmo tempo dos professores formadores, seja pela liberdade e autonomia propiciada pela criação e planejamento da Alternância mediante as possibilidades e especificidades locais e regionais, até ao rompimento da supremacia do saber acadêmico eurocêntrico, pois a Alternância propicia a troca de saberes, propicia a construção problematizadora e significativa do conhecimento mediante a relação dos saberes científico e popular, propiciam experiências vivenciais de espaços, histórias, culturas diversas levando a

tomada de consciência de todos os atores envolvidos, ou seja, promovendo na própria fala analisada acima “*transformação social*”.

Os demais docentes apontaram a Alternância como sendo um princípio pilar do curso, e no mesmo viés discutido acima reafirmam os momentos de construção e troca de saberes científicos, populares e culturais:

*A alternância é o que dá sustentação a Educação do Campo. O Elo que permite o diálogo entre os conhecimentos científicos e os saberes das comunidades originárias dos alunos. Esse diálogo precisa necessariamente acontecer sem hierarquias, sendo evidenciadas as características diferenciadas e específicas de cada um. É a alternância que permite esse diálogo. (Grifos nossos). O objetivo da alternância na Educação Superior do Campo é desenvolver, a partir da práxis e da relação com o território de origem dos estudantes, a formação de professores para a Educação Básica para as escolas do campo. Entendo que ressaltar o **papel da pesquisa como um princípio educativo** no processo de aprendizagem pode contribuir para valorizar o saber do campo e o protagonismo dos educandos no seu próprio processo de formação. De modo que possibilita a relação entre a teoria e a realidade concreta do campo, por meio da reflexão e da atividade empírica, caminhando para a proposta de práxis. (Grifos nossos).*

Ressaltamos, nos grifos, dessas duas fala a *Dialogicidade* e a *Pesquisa com princípio educativo* haja vista corroborarem para a construção de saberes sem supremacias, contudo para que seja efetivada Hage; Araújo; Farias (2016, p. 1.416), chamam atenção para as marcas da mudança presente na dialogicidade e na organização do trabalho docente:

As marcas dessas mudanças têm como âncoras principais a dialogicidade entre os sujeitos e seus saberes, experiências, conhecimentos e cultura. Para que se possa afirmar essa dialogicidade é importante que os cursos construam uma matriz curricular que dê conta da articulação de saberes de diferentes Tradições: do Trabalho, da Ciência e Tecnologia e da Cultura, fortalecendo a Interdisciplinaridade e a Transdisciplinaridade no trato com os componentes curriculares, ao afirmar uma perspectiva Relacional entre as várias áreas de conhecimento, entre os conhecimentos científicos/escolares e os saberes do trabalho e da produção cultural dos sujeitos do campo; provocando com tudo isso, mudanças substantivas na forma hegemônica de produzir e socializar os conhecimentos científicos.

No que se refere ao conceito e compreensão dos docentes na UFCAT, participantes da pesquisa, em relação à Formação por Alternância utilizada na Educação do campo, dez (76,93%) das respostas esvaziadas de conceito e/ou entendimento, relatando que se trata de convivência com a comunidade, ou divisão do calendário acadêmico em dois tempos, ou relataram problemas como a falta de recursos financeiros e experienciais dos professores formadores, como descrito na seguinte fala:

*A proposta é interessante, mas de difícil execução na realidade da Unidade, do alunado e da região. Da Unidade porque sempre ocorreram entraves **por falta de recurso** e mesmo de*

experiência dos docentes para construir bons projetos de ensino/pesquisa/extensão no tempo comunidade. (Grifos nossos).

A fala abaixo segue o mesmo raciocínio, e finaliza (em negrito) com uma situação preocupante ao mostrar que alguns docentes tratam o Tempo Comunidade como sinônimo de EaD ou o período de descanso, demonstrando o despreparo e o compromisso profissional desses professores formadores:

*Avalio que houve muito imprevisto, embora tenham ocorrido algumas experiências interessantes. Do alunado, por falta de tempo e condições financeiras para se dedicarem ao curso, havia por parte de alguns a concepção de que o **tempo comunidade significaria período de Educação à Distância, ou descanso.*** (Grifo nosso).

A fala abaixo, mesmo não se tratando especificamente da Alternância, traz pontos preocupantes para o enfraquecimento da formação docente na UFCAT, como demonstrados nos negritos, seja pela falta na região de acampamentos e assentamentos importantes para a troca de saberes e planejamento do curso, por se tratar de um princípio da Educação do Campo, quer pela ausência de Escolas no Campo que ofertem o Ensino Fundamental e Médio na zona rural o que causa prejuízos ao Estágio Docente Curricular e na falta de campo de trabalho aos professores em formação.

*Da região porque o **número de escolas do campo está reduzidíssimo, há poucos acampamentos e/ou assentamentos.** Outra dimensão é a Habilitação que o curso oferece: Ciências da Natureza, que qualifica docentes para ensino de Ciências nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio em escolas do campo. **Não há escolas, portanto, os estágios são realizados em escolas na zona urbana, sem possibilidade de experiência concreta com o alunado para o qual esse futuro profissional está sendo formado.** Por fim, **a ausência de perspectiva profissional,** haja vista não ter previsão de concurso na área, assim os alunos do curso acabam assumindo atividades que a priori são de pedagogos, por exemplo, já na graduação, os embates quanto as bolsas do IEL para atuarem em creches e anos iniciais do fundamental.* (Grifos nossos).

Dando continuidade à análise dos resultados, observamos que duas (15,38%) das respostas apresentam pontos importantes da Alternância, apontando trocas de saberes entre os docentes, discentes e comunidade, momentos formativos construídos a partir das vivências e interação com os sujeitos do campo:

A Pedagogia da Alternância é uma abordagem que preza pela articulação de saberes, partindo dos contextos de modo a valorizar os conhecimentos das comunidades e assim os(as) alunos(as) que trazem de suas realidades experiências do campo, dos movimentos sociais que contribuem tanto para o processo da formação docente. Por isso que a organização curricular neste caso conta com períodos na instituição de ensino e outros nas

*comunidades. Assim é possível **articular conteúdos e vivências, valorizando a cultura e entrelaçando esses aspectos culturais ao conhecimento científico.*** (Grifos nossos).

*Pra mim que estudo o letramento científico no ensino de Ciências da Natureza, percebo a potência da Pedagogia da Alternância enquanto alternativa pedagógica e metodológica pra alcançar esse objetivo na formação docente. E para, além disso, historicamente, **ela vem de encontro às necessidades formativas dos povos do campo, dos movimentos sociais e por isso é pensada para o curso de Educação do Campo.*** (Grifos nossos).

Nessas falas, como já discutido nas falas da UFG, relatam de forma significativa as relações que podem ser construídas com a Alternância, sendo que os discentes tem a oportunidade de vivenciar nas comunidades rurais visitadas, o meio social, cultural e político em que essas pessoas estão inseridas, essenciais para a formação identitária e de pertencimento dos professores em formação.

Entretanto, na contramão outro professor (7,7%) demonstra uma concepção preocupante, haja vista chamar os educandos de “clientela”, o que nos chamou muita atenção já que um dos princípios da Educação do Campo, é romper com o modelo hegemônico de educação, acreditamos que esse conceito de tratar os discentes como “clientela”, aponta para uma compreensão de distorção de conceitos e pensamentos: “*A defesa da alternância é para não tirar o estudante do campo*”, vejamos na fala:

*Se o curso tivesse a **clientela** desejada, com pessoas do campo, estaria de acordo. Mas como a clientela é da cidade não vejo muito sentido... **A defesa da alternância é para não tirar o estudante do campo...** Como ele não está no campo, não vejo necessidade.* (Grifos nossos).

Formação por Alternância: funcionamento

Ao analisar o funcionamento da Alternância do Curso de Licenciatura em Educação do Campo na UFG, cinco docentes o que representa a maioria (71,42%), se prenderam em demarcar a organização *dos tempos*:

No curso em que trabalho as disciplinas curriculares estão organizadas dentro dos semestres letivos. Em cada semestre do curso se constitui por dois TUs (TU01 e TU02) e um (TC). E, em cada semestre alternam os dois Tempos Universidade com um Tempo Comunidade. Desta forma, o semestre inicia com o (TU01), segue com o (TC) e finaliza com o (TU02). Em geral, cada (TU) tem duração em torno de quarenta dias e o (TC), geralmente, dura em torno de 30 dias. Durante o (TU) são desenvolvidas a maior parte das disciplinas, sendo que metade da carga horária é desenvolvida no (TU01) e a segunda metade no (TU02).

Pela fala, identificamos que a maior parte do curso é realizada no Tempo Universidade, entremeadado por um Tempo Comunidade contínuo, vemos o quanto a divisão dos tempos são

presentes nas falas dos docentes (N=5; 71,42%), e ao mesmo tempo demarca uma das características da Alternância que é a fluidez de tempos e espaços formativos, contudo esses docentes não avaliaram, em suas respostas, a divisão e o desenvolvimento dos tempos, que seria de suma importância para a compreensão do modelo e espaços que estão desenvolvendo.

Dois docentes (28,58%) aprofundaram suas respostas, como na fala abaixo, e avaliaram o desenvolvimento das atividades não se prendendo, apenas em deixar claro a falta de recursos, principalmente disponibilidade de transporte para os espaços rurais, vejamos:

*Observo muitas fragilidades na forma com que a alternância é trabalhada no curso. Primeiro, porque ela é **trabalhada no formato de disciplina** e não numa lógica da estruturação curricular. Esse formato dado a ela, a meu ver, descaracteriza totalmente sua essência e fundamento. Além disso, fica atribuída a **responsabilidade de acompanhar os grupos apenas a alguns docentes** - e isso faz com que não haja um envolvimento, de fato, de todo corpo docente e sim dos/as que estão na condição de orientador/a. A segunda questão, é o tempo da alternância. Da forma que está estruturado, **o tempo comunidade tem apenas 30 dias para acontecer**. É um tempo extremamente reduzido, que impossibilita o desenvolvimento de mais atividades, de aproximação maior com a comunidade. Dentro disso, também vivenciamos uma dificuldade hercúlea **com transporte da Universidade**, pois os que temos não podem andar em estrada de terra e isso inviabiliza que sejam desenvolvidas atividades em muitas comunidades - nesse entorno, a prefeitura tem nos apoiado. Outra questão, é o fato de **muitos/as educandos/as não serem do campo ou possuírem alguma vinculação mais orgânica** e durante o tempo comunidade não sabem muito como construir essa aproximação. E, por fim, **vivenciamos muitas evasões após o retorno do tempo comunidade** - que nos convoca a reflexão sobre os motivos que levam a isso. Entendo que a própria **lógica com a qual a alternância está estruturada pode agravar isso, pois pra muitos/as (docentes e discentes) esse momento se torna quase que "férias" e isso pode enfraquecer e/ou desmotivar que muitos/as retornem ao curso.** (Grifos nossos).*

Pelos grifos, elevamos a preocupação do respondente, quanto à organização didático-pedagógica da Alternância e a falta de identidade e envolvimento dos professores formadores que acabam refletindo no esmaecimento da criação e fortalecimento da identidade e pertencimento dos professores em formação culminando na desistência de muitos estudantes. Reiteramos a importância da Alternância, não somente aos professores em formação, mas para os professores formadores, pois a aproximação com as comunidades construirá significados e percepções da realidade, e ao longo do tempo cria-se empatia, sentimentos de pertença e identidade com os povos do campo, mesmo não sendo alunos ou professores de origem rural, como demonstrado na fala, Freire (2000, p. 21), nos elucidada “a leitura crítica do mundo é um que-fazer pedagógico-político indicotomizável do que-fazer político-pedagógico, isto é, da ação política que envolve a organização dos grupos e das classes populares para intervir na reinvenção da sociedade”.

Ressaltamos na fala desse docente, que o mesmo está pensando em vários pontos necessários para Alternância, bem diferente dos demais que ao falarem em Alternância só pensaram no Tempo Comunidade e em nenhum momento colocaram o Tempo Universidade como parte pertencente e importante da Alternância. Dessa forma podemos inferir a existência de uma ruptura profunda entre os tempos e que o mesmo não se constituiem como um *continuum* formativo, de idas e vindas, de construções e reconstruções dos saberes presentes e ausentes nesses espaços, e fica mais reforçado com o pouco envolvimento e responsabilidade profissional dos professores formadores com seu fazer pedagógico.

Enveredaremos agora nas respostas dos professores da UFCAT sobre o funcionamento da Alternância no Curso de Licenciatura em Educação do Campo em sua IES. Um (7,7%) dos respondentes desconhece o funcionamento da Alternância em seu curso, quatro (30,78%) relataram apenas a divisão temporal em TC e TU “*Intercala-se o Tempo Universidade com o Tempo Comunidade. Dividem-se em dois momentos, cada um deles. Inicialmente alternância de 50x50 e atualmente 70x30*”. Dentre os respondentes, um docente (7,7%), disse que o funcionamento da Alternância se assemelha à Educação a Distância, vejamos:

*Na forma de impressão, posso dizer **que já ocorreram experiências muito próximas da EaD** (passar tarefa pro aluno, orientar e ter uma produção escrita no final), outras com maior envolvimento que incluíam visitas mais prolongadas (um dia inteiro) e realização de mais atividades. De forma geral, **penso que no curso que trabalho estamos muito longe da alternância**. Em parte, também, devido ao perfil dos nossos/as estudantes: são trabalhadoras/es do comércio, mães de família oprimidas pelo machismo, por exemplo), e, dos nossos professores/as que também não se colocam a disposição para realizar trabalhos mais aprofundados com mais tempo em campo. Com professores transitando pelo curso, sem acúmulo de experiência, **a Alternância vira uma nova experiência a cada semestre, sem muita continuidade no processo formativo curricular das turmas em progresso.** (Grifos nossos).*

Novamente, um respondente da UFCAT, compara a Alternância desenvolvida na IES à EaD, e semelhante à preocupação de alguns docentes da UFG com a falta de identidade dos alunos e docentes e com um planejamento contínuo e progressivo.

Seis dos docentes respondentes (46,15%) relataram que a Alternância acontece de forma precária:

*Inicialmente, **esta alternância acontecia em períodos maiores entre tempo universidade e comunidade**. Diante de discussões no curso, principalmente realizadas pelo NDE, essa alternância foi ganhando outras formas de se organizar entre tempo Universidade e Comunidade. Além disso, **estratégias de acompanhamento, de participação e discussão sobre o tempo comunidade ganharam mais força ao longo do curso**. Ainda que, em contraponto, realizar a alternância é sempre um desafio, quando se trata das visitas as*

comunidades, a realizações de discussões e atividades fora da universidade, pois a demanda de transporte é sempre difícil de ser garantida. (Grifos nossos).

Um disse que não haver Alternância no Curso:

Posso dizer que não acontece. Trata-se apenas de uma formalização, mas que não resulta em uma proposta efetiva. Precariamente, na minha avaliação, afinal o tempo comunidade acaba resultando numa única ida a campo, outras vezes alguma experiência em feira, visita, exposições. O tempo Universidade é tranquilo, são aulas na Universidade, embora pela natureza do projeto e perfil do alunado devesse, a meu ver, serem direcionadas sob outra perspectiva, mas aí demandaria a capacidade de trabalho interdisciplinar, um rearranjo do PPC. (Grifos nossos).

Nesses dois excertos observamos, mais uma vez, a falta de condições econômicas para as visitas às comunidades, contudo na primeira fala, o respondente analisa outras questões importantes para o desenvolvimento da Alternância, e que apesar das dificuldades, ao longo do tempo, estão aprimorando. Diferente do segundo respondente que inicia dizendo que não acontece Alternância, apenas formalizam os espaços em tempos.

Essas colocações nos faz refletir a necessidade de uma maior imersão coletiva, principalmente dos professores formadores, sobre os conceitos de Alternância e suas possibilidades de organização didático-pedagógicas, haja vista percebe-se que a maioria dos docentes vê a condição de ir ao meio rural como principal forma de realizar a Alternância, se prendem a tempo e espaço, e não em tempos e espaços, nas atividades a serem desenvolvidas, nas interações dos tempos, espaços e saberes. Ressaltarmos a necessidade de repensar que o *campo* não está presente apenas no *lócus* rural, mas entremeado no *lócus* urbano, ademais no espaço analisado onde estão as duas licenciaturas, cidades pequenas com forte influência do espaço rural.

A fala seguinte (N=1; 7,7%) avalia que a Alternância, de uma forma diferente das demais, vindo de forma positiva a Alternância e relacionando-a aos três pilares da Universidade a pesquisa, extensão e ensino:

Em minha instituição pautamos a Alternância por uma vivência de pesquisa/extensão/ensino no campo, sejam em propriedades rurais, escolas do campo, em movimentos sociais, entre outras possibilidades que proporcionem ao discente da instituição a dinâmica de encontro com o eixo Educação do Campo.

Mesmo não sendo o objetivo, do presente trabalho, discutir a questão do planejamento pedagógico, não podemos deixar de mencionar a falta de um maior planejamento coletivo entre os pares, haja vista seria um espaço formativo para o refinamento dos conceitos e

atividades da Alternância, pois percebemos grandes descompassos nas concepções nas respostas.

As falas mostram, infelizmente, a realidade negligenciada e velada de muitas realidades vividas pela Educação do Campo em nosso país, realidade que fragiliza os princípios da Educação do Campo bem como seu fortalecimento. Contudo, vemos como positivo que mesmo diante das dificuldades e distorções as duas Instituições de Ensino realizam a Alternância. Ressaltamos que não estamos julgando as Instituições de Ensino Superior, o que pretendemos é analisar e corroborar para que a partir de estudos como estes, possamos pensar formas que colaborem para maximizar a potencialidade esperada no regime de Alternância.

Campo Pedagógico abordado pelo curso de Licenciatura em Educação do Campo

Referente ao campo pedagógico, os docentes que atuam na LEdoC da UFG, foram indagados sobre qual a corrente epistemológica mais adequada para a abordagem na Educação do Campo, sendo que apenas dois não se sentiram à vontade em responder, e os demais deram seus relatos.

A meu ver, o materialismo histórico dialético é a corrente teórica que mais possibilita uma aproximação com a essência da educação do campo, pois possibilita a apreensão da realidade social numa perspectiva de totalidade, apreendendo as múltiplas determinações que se circunscrevem na dinâmica da realidade social, seus fenômenos e, sobretudo, por ter intrinsecamente o fundamento da luta de classes - o que relaciona com a própria razão de ser do curso. O PPC, na minha leitura, traz elementos bastante significativos dessa corrente teórica, na medida em que explicita a direção política do curso, a vinculação com as lutas sociais, a necessidade da práxis, etc. Porém, compreendo que essa não seja abordagem hegemonicamente adotada no curso, pelo contrário, penso que pouquíssimos/as professores/as dialogam com essa corrente.

Tendo em vista o relato acima mencionado, consideramos que o docente acredita que o curso deva ser pautado no campo do Materialismo histórico-dialético, no entanto afirma que essa não seja a realidade presente no atual formato. Avistasse o que os demais docentes mencionam:

Acredito que o pensamento marxista é a maior contribuição para o entendimento da sociedade capitalista na qual estamos imersos. Também, é nos postulados marxistas que encontramos as ferramentas para entender as contingências históricas que condicionam o cotidiano das pessoas e geram a exclusão e a desigualdade social. Dessa forma, por ser a Educação do Campo um curso que se forja na contra hegemonia ao capital, a corrente de pensamento mais adequada como esteira conceitual ao curso seria o marxismo. Entretanto, não podemos dizer que esta seria a única corrente de pensamento a sustentar a construção de conhecimentos no Curso.

Reparemos nessa fala, o docente diz acreditar que o campo pedagógico que deve ser adotado pela Licenciatura em educação do Campo, é o Marxismo, pois na sua concepção seria nesse sentido que atenderia à vertente social do curso, e diz ainda que esta não seria a única corrente que se adequaria aos princípios da Educação do Campo, porém não cita outras opções, o que nos leva a considerar que essa seja sua principal visão naquele momento.

A matriz epistemológica formativa da Educação do Campo se assenta na Pedagogia Socialista, na Educação Popular e na Pedagogia do Movimento. O nosso curso procura desenvolver um processo formativo voltado a Educação Popular, procurando compreender o campo da Educação do Campo.

Paulo Freire é a base, as teorias críticas e a educação libertadora como fundamento para entendimento dos processos de dominação e subjugação. Particularmente tenho identificação com essa linha de pensamento, a vejo como fundamental e fundante da Educação do Campo. Mas minha formação vai um pouco além. Tenho formação centrada na teoria pós estruturalista e tenho como centro do trabalho Michel Foucault. Atualmente, tenho trazido Bourdieu para meu trabalho porque tenho percebido que as teorias de capital, principalmente de capital cultural, muito ajustada a um entendimento melhor das dinâmicas do campo.

Em minha opinião, uma teoria dialética, no sentido proposto por Paulo Freire, seria a mais adequada uma vez que, de acordo com seus ensinamentos, a educação não pode estar alheia aos problemas enfrentados pela sociedade. A educação precisa dialogar de forma orgânica com a sociedade dando sentido e significado aos seus conteúdos. Uma educação crítica e reflexiva, como prática libertadora de pessoas em situação marginal. Entendo que, de alguma forma, é o que buscamos seguir na LEdoC, regional Goiás.

Nessas três últimas apontam, que ao tratar-se de Licenciatura em Educação do Campo, a corrente a ser abordada deveria ser pautada nos conceitos de Paulo Freire, conceitos que abordem a Educação Popular, o que Freire chama de Educação Libertadora. Ainda assim, ressaltamos a variedade de correntes formativas que foram mencionadas pelos docentes entrevistados, não podemos afirmar, entretanto faz-se necessário pensar que essa variedade pode estar ligada à área de especialização de cada docente, ou na sua formação experiencial vivenciada no curso que atuam. Lembramos ainda, que dado o objetivo da pesquisa, não nos atentaremos em conceituar cada uma das vertentes apontadas pelos docentes.

Veremos então, as concepções dos docentes entrevistados da UFCAT, no que tange o campo pedagógico, de acordo com as respostas, dois docentes (15,38%) avaliam que não seja coerente adotar corrente epistemológica para a formação de professores em Educação do Campo, tendo em vista que as abordagens dependerão do quadro docente. Outros dois (15,38%) disseram que o curso utiliza a matriz epistemológica do Materialismo Histórico Cultural; e na mesma proporção (N=2; 15,38%) disseram ser junção do Marxismo com a Pedagogia da Libertação de Paulo Freire. Dois não responderam e cinco (38,46%) disseram não saber qual matriz o curso usa e/ou qual seria mais adequada. Vejamos a fala dos docentes:

Acredito que, o pensamento de Paulo Freire é fundamental para subsidiar os debates da Educação do Campo. Sua teoria aproxima a realidade dos sujeitos na ação pedagógica vislumbrando uma práxis transformadora.

O materialismo histórico dialético é recorrente, apesar de ser inconsistente na maioria das vezes em que é convocado, devido ao pouco domínio dos docentes.

Seus pressupostos epistemológicos estão em consonância com a perspectiva crítica. Ainda que tenha uma base materialista e dialética, a proposta alinha-se mais com a tendência pedagógica libertária, baseando-se na Educação popular e nos princípios freirianos de emancipação e liberdade.

Materialismo histórico dialético. Pelo cunho de denúncia que envolvem a questão da terra.

A pedagogia histórico-crítica, por abordar as questões de poder e resistência das camadas da população que ficam excluídas da cultura elitizada e capitalista. Por alguns professores está é a corrente utilizada.

Verifica-se que as respostas dos docentes da UFCAT, se assemelham em sua maioria, ao que dizem os docentes da UFG, apontando para correntes Freirianas e Marxistas, portanto mostra que de certa forma por tratar-se do mesmo curso, porém ofertados em Instituições diferentes, o corpo docente apresenta simetria em suas concepções de vertentes teóricas que abrangem os princípios da Educação do Campo.

Constituição do Projeto Político e Pedagógico

Conforme objetivo do nosso trabalho, os docentes das Universidades *loci* de pesquisa, foram demandados a relatar sobre percurso que fizeram referente ao Projeto Político Pedagógico do Curso, desde a implantação do curso. No que se refere aos docentes na UFG, tivemos apenas três (42,85%) respostas, onde um docente disse o seguinte:

Não há um único percurso, pois estamos em movimento (o que nos propicia mudanças/alterações/transformações...) tudo depende do momento de atuação e os problemas que podemos enfrentar diariamente.

Os outros dois relataram que houve uma reelaboração do Projeto original pelo NDE, e a mesma “foi aprovada pela universidade em 2017 e serviu como instrumento de avaliação do curso no ano de 2018”.

O que podemos dizer é que dada ao número de respostas obtidas em relação às demais questões, e o encurtamento dessas respostas, observamos que o Projeto Político e Pedagógico é um tema pouco debatido entre o grupo acadêmico responsável pelo curso, não poderemos evidenciar o motivo que faz com isso ocorra, no entanto acreditamos, a partir dados analisados, que alguns destes docentes possam despertar o interesse por estar a par dos processos burocráticos que contribuem para consolidação do curso.

Diferentemente da UFG, todos (N=13; 100%) dos docentes da UFCAT, responderam à pergunta sobre o percurso realizado pelo Projeto Político Pedagógico do Curso (PPC). Três (23,07%) disseram desconhecer o PPC e seu fluxo; na mesma proporção três (23,07%) apresentaram respostas curtas indicando que o PPC “*O PPC foi elaborado para concorrer ao edital. Depois, foi apenas reformulado de forma superficial, de forma a contemplar a legislação. A reformulação de fato ainda está por vir*”. Um (7,7%) disse que o Núcleo de Desenvolvimento Estruturante “*De forma geral o debate não chegava ao PPC. As reuniões pedagógicas e de NDE ficavam discutindo problemas das turmas*”. Outro (7,7%) disse não acompanhar as discussões, mas defende ampla mudança no PPC e mudança na habilitação atual do curso, que é Ciências da Natureza:

Esse debate está posto no NDE, quase não acompanho porque se dá em reuniões específicas, mas pelas deliberações aprovadas, as quais tenho acesso, resulta no mero pragmatismo de revisão de fluxo de disciplina, ementa, carga horária. Eu defendo uma ampla revisão do PPC, portanto, da habilitação do curso.

Os cinco (38,46%) restantes disseram que sempre discutem o PPC e buscam alinhar a realidade institucional com os princípios da Educação do Campo:

Participei de várias discussões a respeito da reconstrução do PPC. Além disso, a partir de relatos de docentes e alunos, percebi que a organização curricular (disciplinas, períodos de aula, carga horária, divisão entre TC e TU) foram sendo reestruturados ao longo dos anos para melhor atender ao público da Educação do Campo de nossa região.

Desde a implantação buscamos discutir maneiras de garantir a interdisciplinaridade, e particularmente, avalio que ainda é um desafio. No PPC avançamos trazendo algumas pontuações importantes no último documento que diz respeito a caracterização do curso, a estrutura do estágio, refletimos sobre as disciplinas específicas e pedagógicas, bem como sobre o trabalho de conclusão de curso, sempre na direção de entrelaçar a realidade dos nossos(as) alunos, as dificuldades e alternativas que surgiam e os objetivos de formação pretendidos.

Considerações finais

A Formação por Alternância possibilita espaços de trocas, vozes e empoderamentos de sujeitos sociais marginalizados e silenciados ao longo do tempo histórico demarcado pela hegemonia branca europeia. Da mesma forma que a Educação do Campo possibilitou, ao longo da última década, ganho de espaços acadêmicos e científicos importantes para o fortalecimento da Educação Popular, ao terem a Alternância como um de seus princípios potencializa ainda mais a diversidade de olhares e saberes na construção de vários caminhos para uma educação contra-hegemônica. Ademais, esses movimentos, deslocam e realocam:

conhecimentos, posições políticas, sociais e econômicas; promove visibilidade, valorização e protagonismo aos povos brasileiros, haja vista como afirma Arroyo (2012, p. 254) “o viver precede o aprender”.

No presente estudo, apontamos reflexões acerca das concepções de Alternância dos professores formadores da Licenciatura em Educação do Campo do estado de Goiás, sem a intenção comparativa ou julgadora, o estudo mostra fragilidades de ambos os grupos quanto ao planejamento e desenvolvimento da Alternância. A falta de recursos financeiros e de infraestrutura foram presentes em ambas IES, contudo fica nítido no estudo as fragilidades formativas (inicial e continuada), identitárias e de pertencimento, de muitos, frente ao curso que estão.

Como demonstrado nos resultados, temos grandes divergências formativas, de concepções e ações dos docentes, que poderiam ser minimizadas com trocas coletivas entre os pares, ao mesmo tempo com o engajamento de todos docentes com as atividades dos cursos, pois promoveria a troca de saberes e a criação de identidade e pertencimento aos princípios da Educação do campo, conseqüentemente em planejamentos teóricos e práticos coesos e formativos e fortalecedores da Alternância, tão importante para a Educação Popular.

Enfim, a Formação por Alternância se mostra totalmente importante para uma formação emancipatória, humana e contra hegemônica, contudo ainda possui “cercas” a serem transpostas, como demonstradas nesse estudo, seja pela falta de conhecimento e preparação docente e institucional quanto pela falta de identidade e pertencimento à Educação Popular.

Referências

Arroyo, M. G. (2012). *Outros sujeitos, Outras Pedagogias*. Petrópolis: Vozes.

Cordeiro, G. N. K., Reis, N. S., & Hage, S. M. (2011). Pedagogia da Alternância e seus desafios para assegurar a formação humana dos sujeitos e a sustentabilidade do campo. *Em Aberto*, 24(85), 115-125.

Farias, M. C. G., & Hage, S. A. M. (2021). Alternância na formação de educadores do campo: contribuições dos movimentos sociais para sua materialidade. *Revista e-Curriculum*, 19(1), 474-496. <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2021v19i1p474-496>

Freire, P. (2000). *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832001000100016>

Hage, S., Farias, M. C. G., & Araujo, H. S. (2016). Alternância Pedagógica como estratégia de formação dos Educadores do Campo no Curso de Licenciatura em Educação do Campo. Comunicação apresentada na *I Reunião da ANPED Norte*. Belém-PA.

Oliveira, L. M. T., & Campos, M. (2012) Educação Básica do Campo. In Caldart, R. S., Pereira, I. B., Alentejano P., & Frigotto. G. (Orgs.). *Dicionário da Educação do Campo* (s./p.). Expressão Popular.

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em: 16/05/2022
Aprovado em: 15/02/2023
Publicado em: 15/03/2023

Received on May 16th, 2022
Accepted on February 15th, 2023
Published on March, 15th, 2023

Contribuições no Artigo: Os(as) autores(as) foram os(as) responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The author were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de Interesse: Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review

Double review.

Agência de Fomento

Não tem.

Funding

No funding.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Faleiro, W., & Diniz, R. A. S. F. (2023). *As "cercas" da Formação por Alternância nas LEdoCs de Goiás: vozes e vieses dos professores formadores*. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 8, e14417. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e14417>

ABNT

FALEIRO, W.; DINIZ, R. A. S. F. *As "cercas" da Formação por Alternância nas LEdoCs de Goiás: vozes e vieses dos professores formadores*. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 8, e14417, 2023. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e14417>